



O processo de “ensinagem” entre aprender e apreender na construção do conhecimento

81

Luciano Matos Nobre¹
Ada Augusta Celestino Bezerra²
Lenalda Dias dos Santos³

Resumo: O ato de educar exige a integração com outras práticas sociais e impõe verbos básicos como aprender e apreender para que possamos atingir os objetivos da formação humana, em que a intermediação acontece entre alunos (os quais não só assimilam o conhecimento, mas o reconstruem), e professores que acompanham a aprendizagem e o conhecimento científico acumulado. A “ensinagem” caracteriza a unidade dialética na reelaboração de conteúdos pelos sujeitos aprendizes (professor e aluno).

Palavras-chave: Complexidade. Conhecimento. “Ensinagem”.

The process of "teaching and learning" between learning and grasp the construction of knowledge

Abstract: The act of raising requires integration with other social practices and enforces basic verbs to learn and learn so that we can achieve the objectives of human development, in which the mediation takes place between students (who not only assimilate knowledge, but the rebuilding), and teachers accompanying learning and accumulated scientific knowledge. The "teaching and learning" features the dialectical unity in the redesigning of content by subject learners (teacher and student).

Key words: Complexity. Knowledge. "Teaching and learning".

1 Licenciatura em Sociologia-Universidade Federal de Sergipe/Pós-Graduações: Pedagogia Empresarial-Faculdade Atlântico/Docência e Tutoria em Educação a Distância-Universidade Tiradentes/Mestre em Educação-Universidade Tiradentes/Doutorando em Educação-Universidade Tiradentes. E-mail: <nobre_matos_luciano@yahoo.com.br>.

2 Pós-Doutoramento no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Pt). Doutora em Educação pela USP. Mestra em Educação pelo IESAE/FGV/RJ. Docente dos Cursos de Doutorado e Mestrado em Educação do PPED/UNIT. E-mail: <adaaugustaeduc@gmail.com>.

3 Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Engenheira Química pela Universidade Federal de Sergipe, Coordenadora e Professora do Curso de Licenciatura Plena em Química da Faculdade Pio Décimo. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa Interinstitucional de Sergipe (IPISE). E-mail: <lenalda@infonet.com.br>.

Introdução

A instituição educacional configura-se como o local por excelência em que ocorrem ações pedagógicas ou atividades de construção/socialização do conhecimento visando à transformação das relações sociais e a emancipação humana. O ato de educar não acontece com exclusividade nesse *locus*; na modernidade emergiram diversos espaços educativos que devem ser considerados também pela escola, em sua função de articulação da formação integral do cidadão. O educar exige a integração com outras práticas sociais, pondo-se em evidência verbos como aprender e apreender como objetivos dessa educação, o que implica a intermediação entre alunos, professores e o conhecimento científico acumulado historicamente; os professores exercem mediação fundamental no processo de aprendizagem, com efeitos de reciprocidade, pois que educandos e educadores são eternos aprendizes.

A definição de “ensinagem” propõe a unidade dialética entre dois processos fundamentais: ensino e aprendizagem; a reelaboração de conteúdos e do contexto atual está na interligação das perspectivas de uma educação, em que as atividades acontecem de forma conjunta e construtiva. O ensinar, como afeto diretamente ao docente, direciona ações que ultrapassam as informações disponibilizadas amplamente pela mídia; inclui reorganização da cultura visando à seleção de conteúdos/atividades escolares, a superação entre o distanciamento do aprender e o apreender como assimilação, entendimento e compreensão, expresso em mudanças nas formas de pensar, sentir e agir.

Na compreensão de “ensinagem” como processo amplo de aproximação teoria – prática a realidade é problematizada e gera possibilidades de estudos e pesquisas que redundam na (re)construção do conhecimento. Assim são revistas às ideias pedagógicas e respectivas normas ou regras, sem necessariamente desconsiderar o aparato legal [como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e as Diretrizes Curriculares Nacionais], que serve de norteamento à educação brasileira. Os estudos sobre avaliação são indispensáveis nesses processos, com o direcionamento capaz de alcançar a complexidade das relações que se desenvolvem nesse âmbito.

Aprender e apreender são verbos que se complementam na construção da aprendizagem

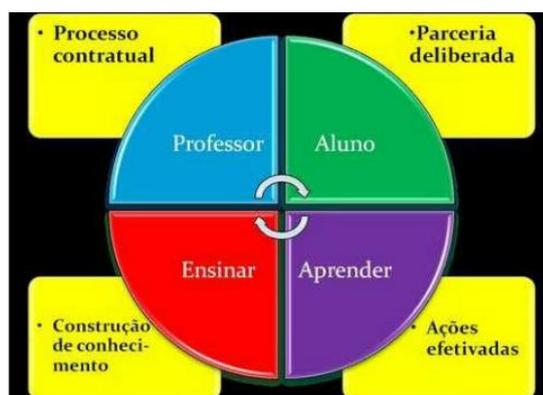
Entre as ações realizadas pelos docentes são presentes as discussões de operacionalização dos verbos ensinar, apreender e aprender. Nas afirmações de Anastasiou (2009) existe na prática uma separação entre essas ações que são complementares; os profissionais da educação relatam no seu cotidiano, às vezes saturado do senso comum, que o ato de ensinar foi desenvolvido, mas o aluno não estava interessado na aprendizagem. Na verdade trata-se de uma ideologia difundida pelos grupos dominantes que acabam contaminando o próprio professor; ensinar não se reduz a apresentações formais ou explicações de conteúdos, sendo importante considerar o método como uma visão de mundo em ação e a competência docente vinculada a sua capacidade de gerar e manter vínculos além das interações que assinalam a essencialidade da profissão professor.

83

Historicamente a influência do modelo jesuítico na colonização do país desde o início, esteve pautada no manual *Ratio Studiorum* - datado de 1599, com a apresentação de conceitos para a construção de uma aula como o conteúdo do professor, dúvidas relacionadas aos alunos, uma série de exercícios como forma de fixação e memorização como um ponto fundamental para a realização de uma prova.

Nessa visão de ensino, tradicional, a aula passa a ser um espaço no qual o professor utiliza sua fala, explica o conteúdo a ser realizado, enquanto o sujeito aluno faz as suas anotações e no final concretiza o aspecto da memorização que pode ser desenvolvido até pelos alunos ausentes, momento em que é possível fotocopiar as anotações e memorizar conteúdos abordados na aula. Nesse contexto, o ato de ensinar e informar é direcionado ao professor que passa a ser a única fonte de conhecimento, na definição de conceitos verdadeiros. Esse processo tradicional exclui a história e determinantes, em que os conteúdos se apresentam fragmentados, na consolidação de uma aprendizagem educacional.

O gráfico seguinte elucida o ciclo dialético desse processo:



Fonte: caujak.blogspot.com.br/2012/05/didatica-des-aula-3-ensinagem-um-novo.html

Uma excelente aula de uma determinada disciplina, na perspectiva aqui defendida, requer definições e considerações do contexto histórico e cultural, para que não ocorra uma desconexão das pesquisas científicas desde suas origens. Esse novo modelo tem sido objeto de iniciativas particulares de professores na busca de atendimento às demandas socialmente necessárias, fugindo do lugar comum e ampliando caminhos não pautados na reprodução, apontando um modelo científico de uma pedagogia adequada ao nosso cotidiano contemporâneo.

A compreensão do que seja ensinar é um elemento fundamental nesse processo. O verbo ensinar, do latim *insignare*, significa marcar com um sinal, que deveria ser de vida, busca e despertar para o conhecimento. Na realidade da sala de aula, pode ocorrer a compreensão, ou não, do conteúdo pretendido, a adesão, ou não, as formas de pensamento mais evoluídas, a mobilização, ou não, para outras ações de estudo e aprendizagem (ANASTASIOU, 2009, p.18).

Ensinar é um verbo, uma ação, com duas dimensões: intencionalidade e efetividade, voltado para os resultados da intenção de educar e a efetivação de objetivos pretendidos. A distinção entre aprender e apreender merece ampla discussão e aprofundamento. A definição de “apreender, etimologicamente nascida do latim *apprehendere*, que literalmente significa apreender: segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender, compreender, agarrar” (ANASTASIOU, 2009, p.19). Não é um verbo que escolhe como complemento a passividade; o ato de apreender possibilita o agir, exercitar, informar e uma apropriação ampla. O aprender é uma derivação do apreender com a determinação do conhecimento (re)construído a partir também das informações, mas não se limitando em termos de amplitude.

Ao ensinar é importante distinguir quais ações estarão nas metas de uma aula; a aula entendida como processo amplamente participativo; se a ideia é passar uma informação, a

exposição oral ou palestra é viável na transmissão dos conhecimentos. Uma boa aula magistral tem seu papel em todos os níveis e modalidades de educação. A apropriação do conhecimento dos alunos, não se restringe às informações; surge a importância da reorganização e superação do aprender que se encontra associado de modo cristalizado ao longo dos anos a um processo de memorização; esta é a direção do apreender com perspectivas de assimilação, entendimento e compreensão, inclusive de transformação individual e coletiva.

Daí a necessidade atual de se revisar o “assistir as aulas”, pois a ação de apreender não é passiva. O agarrar por parte do estudante exige ação constante e consciente: informar-se, exercitar-se, instruir-se. O assistir ou dar aulas precisa ser substituído pela ação conjunta do fazer aulas. Nesse fazer aulas é que surgem as necessárias formas de atuação do professor com o estudante sobre o objeto de estudo e a definição, escolha e efetivação de estratégias diferenciadas que facilitam esse novo fazer (ANASTASIOU, 2009, p.19).

O sociólogo, antropólogo e pesquisador Morin (2012) ao desenvolver o seu livro “O Método o conhecimento do conhecimento” na autonomização do conhecimento (aprendizagem, estratégias, curiosidade) destaca o verbo aprender e afirma que as faculdades de aprendizagem e memorização, foram encontradas em aplúsias que são moluscos marinhos, nos conjuntos de seus neurônios. Aprender não se restringe a um *savoir-faire*, com a aquisição de informações.

Ainda hoje, a elucidação da natureza do aprendizado está submetida a um alternativa mutiladora entre um inatismo segundo o qual só se aprende o que já se conhece (a experiência levando somente à atualização de um saber virtual) e um acumulacionismo segundo o qual a experiência nos instrui. Em ambas as concepções, há o mesmo dogma inicial, cujas duas consequências se opõem: quanto mais há de inato, menos há possibilidade de adquirir (inatismo); menos há de inato, mais há possibilidade de adquirir (acumulacionismo) (MORIN, 2012, p.68/69).

A fundamentação na dialógica, supõe a ação auto-eco-organizadora e o entendimento da aprendizagem não somente como inata/adquirida, mas sim inata/adquirida/construída. O verbo construir propõe um construtor, o aprender faz a suposição de um a priori e o adquirir propõe um inato. O aparelho neurocerebral humano é o construtor *a priori*, possibilitando a capacidade de aprender. A aptidão ao aprender tem uma relação direta à plasticidade da bioquímica do cérebro. O conhecimento assimilado pode apresentar-se na forma de uma propriedade associativa com uma estabilidade nos neurônios.

O conhecimento cerebral precisa do estímulo, meio para que ocorra a operação e desenvolvimento. Na construção do processo evolutivo o aparelho do cérebro humano, através da integração e interiorização (não apenas nas restrições do meio, mas nas estruturas da eco-organização), o aprender não se refere ao elemento de reconhecer o que virtualmente era conhecido, mas à transformação do que é desconhecido em conhecimento e à conjugação do reconhecimento ao descobrir. O aprender faz a interação entre o conhecido e o desconhecido; o ensino eficaz transforma-se assim em “ensinagem”.

Um outro conceito que complementa essa discussão é também o da “aprendência”, desenvolvido por Hugo Assmann (2003), na obra “Reencantar a educação rumo à sociedade Aprendiz”. A “aprendência (‘apprenance’)” seria o estado de estar- em- processo- de- aprender, continuamente, num ciclo em espiral, função do ato de aprender que constrói e se constrói. É, assim o estatuto de ato existencial que caracteriza efetivamente o ato de aprender, indissociável da dinâmica do ser vivo, pensante e operante.

Processo de “ensinagem”

Segundo Anastasiou (2009), após reflexões sobre o significado dos verbos ensinar e aprender o conhecimento no campo educacional, especificamente nas práticas em sala de aula, emergiu o termo ““ensinagem”” cujo conteúdo é uma prática social de forma complexa e realizada entre os sujeitos (professor e aluno). Desse modo ela insere as ações de ensinar e apreender no contexto das formas de construção de ações concretas na sala de aula e em outros espaços.

Na “ensinagem” as ações de ensino são efetivadas quando o aluno vai além do conteúdo trabalhado em sala de aula e com o seu entendimento e conhecimento, fruto das pesquisas e discussões, concretiza um novo modo de aprendizagem, destacando-se a mediação docente na construção do apreender.

Na “ensinagem”, o processo de ensinar e apreender exige um clima de trabalho tal que se possa saborear o conhecimento em questão. O sabor é percebido pelos estudantes quando o docente ensina determinada área que também saboreia, na lida cotidiana profissional e/ou na pesquisa, e a socializa com seus parceiros na sala de aula. Para isso, o sabor inclui um saber o quê, um saber como, um saber por quê e um saber para quê (ANASTASIOU, 2009, p.20).

Os sujeitos são protagonistas da concretização da “ensinagem”. Trata-se de processo indispensável já que se evidencia a possibilidade do pensar do estudante, na reelaboração dos conteúdos apresentados em uma condição conjunta entre aluno e professor, nas estratégias que serão utilizadas. A unidade dialética aqui referida supõe o professor como condutor do processo e o aluno como sujeito com auto-atividade, interligando-se com o objeto de estudo, a cultura acumulada e a produção científica. A mediação do professor é fundamental, uma vez que o mesmo faz a direção intelectual e moral das atividades ou ações visando a resultados dos conteúdos trabalhados, incentivando alunos à construção e elaboração.

O aspecto de apreensão, de conhecer, tem uma relação com o enredar e passa a ser um enredamento nos fios que serão tecidos; esse processo exige a superação de práticas que foram marcantes na escola tradicional, como a memorização e conceitos anteriores de distanciamento entre teoria e prática. É pressuposto deste artigo que as aprendizagens acontecem de formas diferenciadas, a depender dos sujeitos e dos objetos incluídos na apreensão.

Pela proposta atual, no processo de “ensinagem” a ação de ensinar está diretamente relacionada à ação de apreender, tendo como meta a apropriação tanto do conteúdo quanto do processo. As orientações pedagógicas não se referem mais a passos a serem seguidos, mas a momentos a serem construídos pelos sujeitos em ação, respeitando sempre o movimento do pensamento. Diferentemente dos passos, que devem acontecer um após o outro, os momentos não ocorrem de forma estanque, fazendo parte do processo de pensamento (ANASTASIOU, 2009, p.24).

Diante do exposto, fica evidente que a “ensinagem” supõe interações, vínculos e reconstruções tanto no processo de ensino quanto no da aprendizagem. Professor e aluno trabalham em conjunto princípios, conteúdos e atividades, com benefícios bilaterais. A “ensinagem” não é um novo paradigma de atuação do professor, mas um conceito, importante que compreende compromissos éticos, políticos e sociais.

Operações e pensamento

Neste estudo assumimos uma posição dialética quanto às relações ensino e aprendizagem, professor – aluno – conhecimento, com ênfase na sistematização do pensamento, às ações

diferenciadas e de crescente complexidade. Nas operações do pensamento destaca-se o pensar, que favorece o questionamento da realidade, dos fatos, com uma direção e intenção definidas nos objetivos do planejamento da “ensinagem”. O programa de aprendizagem coloca para o aluno um exercício de processos mentais e complexos, favorecendo a observação, a tomada de decisão, a comparação e conclusões, na perspectiva do método científico. Na metodologia dialética dá-se a mobilização da construção e a elaboração das sínteses provisórias do conhecimento.

Em estudos Rathes (1977) apud Anastasiou (2009) sobre o “Ensinar e pensar” explicita a operação do pensamento com os seguintes termos: comparação, resumo, observação, classificação, interpretação, busca de suposições, imaginações, obtenção e organização dos dados, levantamento e testes de hipóteses, aplicação de fatos e princípios às novas situações, decisão e planejamento no âmbito de projetos e pesquisas, os quais devem ser direcionados à reconstrução de conceitos e relações.

Avaliação e aprendizagem

O professor e pesquisador Berger (2011) destaca que o ideário da pedagogia propagado por educadores e legislações educacionais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e os Parâmetros Curriculares Nacionais da educação brasileira, incentivam à avaliação como forma de acompanhar os alunos, com a possibilidade de incentivar a progressão dos sujeitos. Isto também procede hoje em relação às diretrizes curriculares nacionais definidas no plano federal.

As formas de avaliação do desempenho são variadas e não se limitam às provas e exames. É possível contemplar diversos instrumentos como fichas, portfólios, resumos, relatórios, simulações, seminários e outros. As atividades práticas nas instituições educacionais, têm denominações como verificações, exames, testes que são direcionadas exclusivamente à atribuição de uma nota, inclusive sem a retificação ou fixação das aprendizagens, o que reforça a seleção e exclusão presentes na educação brasileira.

A avaliação do rendimento escolar é fortemente subjetiva, influenciada por critérios pessoais, variando portanto, de docente para docente. O professor elabora critérios absolutos para distinguir o aluno que deve ou não ser aprovado. Tais critérios refletem as deficiências de sua formação, seus preconceitos e representações (BERGER, 2011, p.229/230).

A avaliação de aprendizagem segundo estudiosos como Bourdieu, Passeron, Luckesi, Foucault, realiza mecanismos de seleção ou classificação dos indivíduos, conservação e reprodução do ato pedagógico, dentre outros aspectos. Nas definições desses teóricos, surgem questionamentos voltados para a avaliação da aprendizagem, especialmente no currículo dos cursos de formação de professores.

Quanto aos cursos de nível superior, também nas licenciaturas, Berger (2011) relata frutos de suas pesquisas empíricas, como: os alunos afirmam que o teste ainda é um instrumento utilizado na definição da nota, com características de ritual e controle; os debates são procedimentos reduzidos e efetivam metodologias tradicionais nesses currículos. A determinação da nota originária da prova, passa a ser o único dispositivo da avaliação, em detrimento das ricas atividades de construção colaborativa do conhecimento nas quais a prova perde a sua centralização. Nas discussões sobre avaliação, os alunos reclamam por modificação do instituído, mormente nos cursos de formação em que os futuros professores precisam conhecer e rever a prática com novas vivências e diferenciações nas suas formações.

Considerações finais

Nas atividades desenvolvidas pelos docentes, destacam-se os verbos ensinar, aprender e apreender, com o estreitamento da distância entre as ações que possibilitam aos educadores a complementação da aprendizagem. O ato de ensinar tradicionalmente aparece em explicações de vários conteúdos, inseridos em aulas de exposição, seguidos de uma avaliação com a direção de uma prova. Trata-se de uma cultura instalada de normalização, padronização, que se fixou ao longo da história da educação brasileira; herdamos características do modelo jesuítico do período colonial, centrado em exercícios repetitivos para uma fixação e memorização.

Atualmente os estudos sobre ensinar, aprender e a construção do conhecimento no campo educacional, fala-se da “ensinagem”, que em sua complexidade social, faz uma interação entre alunos, professores e conhecimento acumulado, indicando a possibilidade de ensinar e apreender como construções colaborativas de conhecimento. É a dialética do ensinar, aprender e apreender, comprometidos com a transformação da realidade do aluno e da sociedade.

Entre os estudos e debates revistos sobre os métodos de avaliação na construção de uma aprendizagem que atendam à satisfação dos sujeitos (aluno e professor), os discentes reforçam

L. M. Nobre; A. A. C. Bezerra; L. D. dos Santos

que a avaliação precisa ser modificada e que os docentes necessitam rever suas práticas com vivências inovadoras, vínculos e diferenciações na sua própria formação continuada.

As pesquisas revistas neste artigo apontam que os verbos ensinar e informar ainda são desenvolvidos na formação docente. Iniciativas particulares já se registram com outros norteamientos: a centralização da aprendizagem não se encontra mais no docente nem no discente; esse novo processo de aprendizagem extrapola a sala de aula e as relações formais. Essa complexidade educacional exige novas ações pedagógicas, na construção de uma educação que neste contexto histórico avancem quanto aos métodos, de modo a superar as práticas reprodutivistas.

90

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processo de “ensinagem”. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de “ensinagem” na universidade**: pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 8. ed. Joniville, SC: UNIVILLE, 2009.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERGER, Miguel André. Avaliação da aprendizagem no processo de formação docente. In: FELDENS, Dinamara Garcia; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; BORGES, Fabrícia Teixeira. Orgs. **Formação de professores e processos de aprendizagem**: rupturas e continuidades. Salvador: EDUFBA, 2011.

MORIN, Edgar. **O Método 3**: conhecimento do conhecimento. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo. Cortez. Brasília: UNESCO, 2000.

Artigo recebido em 10 de março de 2015.

Aprovado em 20 de maio de 2015.